

Maio - Junho 2012

A Boa Nova

UMA REVISTA DE ENTENDIMENTO

O que Significaria um Irã Nuclear para Israel?

Página 3

**O Oriente Médio: Foco da Profecia Bíblica do Fim dos Tempos 7 •
Será Que o Irã Vai Influenciar Novamente a Próxima Eleição Nos Estados
Unidos? 11 • Alemanha: Uma Potência Mundial Relutante? 14 •
Enxergando Através dos Olhos de Deus 18**

Índice



O que significa o Irã ter armas nucleares? 3

Artigo de capa

O que Significaria um Irã Nuclear para Israel?

Enquanto os políticos e especialistas debatem o que fazer sobre o assunto, o Irã continua sua busca por armas nucleares, ameaçando a Israel e ao mundo. Como a Bíblia nos guia na compreensão dos eventos do Médio Oriente e de uma correta perspectiva mundial?.....3

Barra lateral: Fechamento do Estreito de Ormuz: Ainda uma grave ameaça Iraniana.....5

Barra lateral: O Decisivo Elemento Humano na Atual Crise.....6



O Oriente Médio: Foco da Profecia Bíblica do Fim dos Tempos

Frequentemente temos visto o Oriente Médio em destaque nos programas de notícias ao redor do mundo. As nações são afetadas profundamente pelo que acontece nesta região instável. Você precisa entender o que foi profetizado para acontecer nessa região e também o motivo.....7

Barra lateral: O Egito na Profecia Bíblica.....10

Por trás das Notícias: Será Que o Irã Vai Influenciar Novamente a Próxima Eleição nos Estados Unidos?

Há mais de trinta anos, o regime teocrático do Irã tem influenciado o resultado da eleição presidencial nos Estados Unidos. Mais uma vez, o Irã parece surgir como um fator importante na próxima eleição Norte-Americana.....11

Barra lateral: Como Você Pode Entender essas Mudanças Rápidas do Cenário Mundial?13

Alemanha: Uma Potência Mundial Relutante?

A Alemanha está usando a crise da dívida para dominar a Europa? Isso é o que pensam alguns europeus. Mas a posição da Alemanha na Europa é a que seus vizinhos esperavam após a Segunda Guerra Mundial.....14

Segue-Me: Enxergando Através dos Olhos de Deus

O encontro de Jesus Cristo com um homem cego traz lições importantes para nós, do que significa aceitar o Seu convite de "Segue-Me".....18



Moradas Postais

Estados Unidos da América:

Igreja de Deus Unida (Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)
P O Box 541027,
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705,
Watford, Herts
WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 7,
Montes Claros – MG,
CEP 39400-970
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet: www.revistaboanova.org / www.gnmagazine.org / www.beyondtoday.tv / www.ucg.org

e-mail: info@ucg.org

© 2012, Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*. Todos os direitos reservados.



O que Significaria um Irã Nuclear para Israel?

Em uma localização não divulgada, forças militares iranianas lançam um míssil superfície-superfície que dizem ter um alcance suficiente para chegar a qualquer parte de Israel.

STR/EPA/Newscom

Enquanto os políticos e especialistas debatem o que fazer sobre o assunto, o Irã continua sua busca por armas nucleares, ameaçando a Israel e ao mundo. Como a Bíblia nos guia na compreensão dos eventos do Médio Oriente e de uma correta perspectiva mundial? **por John Ross Schroeder**

Muitas centenas de artigos em jornais, revistas e blogs foram publicados sobre como deter o Irã nesta busca de uma bomba nuclear. As sanções e pressão diplomática não conseguiram impedir o governo iraniano.

Durante um debate recente na televisão britânica entre diversos formadores de opinião, foi sugerido seriamente que se a Grã-Bretanha abandonasse as suas próprias armas nucleares, este ato altruísta ajudaria a encorajar o Irã desistir de criar a seu próprio armamento nuclear.

O mesmo argumento foi feito pela esquerda liberal durante o impasse da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética nas décadas que se seguiram a Segunda Guerra Mundial—que o desarmamento unilateral norte-americano teria levado os soviéticos a seguirem o exemplo.

Aparentemente, alguns observadores liberais influentes ainda mantêm essa linha de pensamento. A primeira página

de um editorial do jornal *International Herald Tribune* diz: “Ao diminuir seu arsenal nuclear, os Estados Unidos terão mais credibilidade em seus esforços para conter as ambições nucleares dos outros” (“Remodelar o Arsenal”, 13 mar 2012).

Esta suposição, muito questionável, também foi articulada por Hans Blix, o ex-inspetor de armas das Nações Unidas, que disse que a intervenção militar ocidental no Irã só iria trazer desastre ao Ocidente. Sua fórmula para a paz prevê um Oriente Médio livre de armas nucleares—referindo-se ao desarmamento nuclear israelense.

O debate crítico na mídia sobre a questão tem se arrastado incessantemente por vários anos. Os observadores conservadores nos dizem que estamos cada vez mais e mais perto do temível tempo em que o Irã possuirá de fato uma bomba nuclear. Como disse um editorial do *Financial Times*: “O problema intratável das ambições nucleares do Irã—e a ameaça que alarma cada vez

mais a Israel—parece estar atingindo seu clímax” (6 de março, ênfase adicionada em todo o texto).

No entanto, não poucos comentaristas liberais acreditam que esta avaliação é mais voltada para a política israelense do que para a possibilidade de destruição em massa, e que uma solução militar irá se mostrar desnecessária, perigosa e potencialmente desastrosa.

Assim, o Ocidente continua preso a um dilema proverbial (o impasse *Catch-22*). Não parece haver nenhuma maneira viável para sair disso. As opções são muito poucas—e todas muito arriscadas. Os analistas falam de uma “opção menos ruim”.

A situação é realmente calamitosa? O que isso significa para Israel, o principal alvo das ameaças iranianas? O que significa para o mundo? Como fica a situação dos Estados Unidos nessa questão? E onde podemos encontrar uma perspectiva melhor sobre a direção dos eventos no Oriente Médio?



Será que os Estados Unidos enfrentarão diretamente essa questão?

Um exame detalhado sobre os perigos evidentes que enfrentamos agora no Oriente Médio, foi recentemente publicado no *The Wall Street Journal*. Em seu artigo intitulado “O Autoengano dos Estados Unidos Quanto aos Iranianos”, o diretor e gerente de pesquisa do Projeto de ameaças críticas do American Enterprise Institute (Instituto Empresarial Norte-americano), escreveu: “Os norte-americanos estão sendo feito de bobos pelo Irã—e se enganando. Não há nada que possa ser feito para que o Irã abandone sua busca por armamentos nucleares. *Não há nenhuma evidência de que o governo do Irã esteja disposto a parar seu programa nuclear em troca da suspensão das sanções ou qualquer outra coisa*” (Frederick Kagan e Maseh Zarif, 27 de fevereiro de 2012).

Outro artigo do mesmo *Wall Street Journal* também aborda o dilema iraniano. O artigo tem como título “Desejando do Irã”, que ocupou a primeira página, “os espíões norte-americanos têm esperança de que os mulás não construam uma bomba”.

Mas a conclusão do artigo tem mais a dizer: “O presidente Obama tem avaliado mal os passos do Irã—começando com sua suposição de que os mulás iriam negociar com ele, porque ele não é George W. Bush; que ele iria instigar a boa vontade do Irã pelo fato dele minimizar o roubo eleitoral de 2009 no Irã; e que as sanções os fariam ceder. Porém, esperanças vão não vão impedir os líderes israelenses de defenderem seus interesses, tal como não farão que o Irã pare sua busca de armas de destruição em massa”.

Um terceiro artigo do *Wall Street Journal* começa com uma citação do presidente, que disse: “‘Eu tento não me felicitar muito’, disse o presidente Barack Obama imodestamente a um grupo de doadores judeus [para sua campanha eleitoral] em outubro passado, ‘mas este governo tem feito mais pela segurança do Estado de Israel do que qualquer outro governo anterior’” (Dan Senor, “Por que Israel tem dúvidas sobre Obama”, 6 de março de 2012). O artigo continua a apontar que outros veem a questão de forma bastante diferente.

Aqueles que valorizam a existência do Estado de Israel sinceramente esperam que as seguintes manchetes que apareceram no mesmo dia nos jornais *Daily Mail* e *The Daily Telegraph* reflitam verdadeiramente a vontade do governo dos Estados Unidos: “Nós Estaremos Sempre ao Seu Lado na Questão do Irã, disse Obama a Israel” e “Uma Possível Ação militar não é blefe, adverte Obama”.

O perigo de um Irã com armas nucleares

O que significa o Irã ter armas nucleares? As possibilidades parecem quase terríveis demais para sequer se cogitar.

Como noticiou um editorial no *The Sunday Times* de Londres, onde Ministro do Exterior britânico fez soar um alarme em meados de fevereiro: “William Hague foi direto quando disse... que *uma bomba nuclear iraniana seria ‘um desastre na cena mundial’*” (“Adiando a Contagem Regressiva Para A Guerra”, 19 de fevereiro).

O resto do editorial destaca os perigos inaceitáveis que as nações ocidentais e Israel, em particular, teriam de enfrentar. Os líderes iranianos consideram Israel uma nação de “*uma bomba*”. Ou seja, o Irã precisaria de apenas uma única bomba nuclear para varrer o Estado de Israel do mapa. Apesar dos ganhos territoriais da guerra de 1967, Israel continua sendo um país geograficamente pequeno (menos de dezoito quilômetros de largura em seu ponto mais estreito). As ameaças iranianas de dizimar essa pequena nação têm ocorrido com muita frequência para não levá-las a sério.

É evidente que uma guerra nuclear entre Irã e Israel iria devastar toda a região e pôr em grande perigo a economia mundial. O escritor Jerome Corsi, no capítulo final de seu livro *Por Que Israel Não Pode Esperar: A Próxima Guerra Entre Israel e Irã*, afirma: “Ainda assim, em última análise, Israel é uma nação de ‘uma bomba’, visto que uma única bomba atômica, mesmo que seja relativamente fraca, se for detonada sobre Tel Aviv, os negócios, bancos e centro de telecomunicações de Israel, seriam destruídos e poria fim ao estado judaico moderno como o mundo conhece» (2009, pág. 102).

O grave perigo da chantagem nuclear

O editorial do jornal *Sunday Times* mencionou que o Irã também uniu forças com a Al-Qaeda. E também afirmou que “mesmo sem uma arma [nuclear], o Irã já é a maior força destabilizadora do Oriente Médio. Raramente se comporta como um mero Estado hostil. Suas divisões internas significa que o próprio regime é instável e age de acordo com isso”.

Devemos considerar também o apoio persistente do Irã aos grupos terroristas Hezbollah e Hamas, que há muito tempo vêm ameaçando Israel—usando o Estado servil do Líbano e a Faixa de Gaza palestina e grupos da Cisjordânia respectivamente. Outra maneira de ver é que o “Irã rege um império não convencional e pós-moderna de entidades subestatais em todo o Oriente Médio: O Hamas na Palestina, o Hezbollah no Líbano, e o Movimento Sadrista no sul do Iraque” (Robert Kaplan, *Foreign Affairs*, Maio-Junho 2009).

Considerando longo registro histórico do apoio iraniano a grupos e movimentos terroristas, se o Irã vier a desenvolver armas nucleares não é muito difícil de se imaginar este Estado teocrático compartilhando essas armas mortais com grupos que têm pouco respeito pela vida e muito pouco a perder na realização de seus objetivos mortais.

Outro cenário preocupante de um Irã com armas nucleares é a ameaça de a chantagem nuclear pairar sobre qualquer um dentro do seu raio de alcance. Há muito tempo outras potências regionais têm percebido o desejo do Irã pela hegemonia da região e de seus preciosos recursos energéticos. Por esta razão, Egito, Turquia e Arábia Saudita anunciaram que se o Irã obtiver a bomba, eles também serão obrigados a desenvolver ou adquirir armas nucleares para que este país não os mantenha reféns a qualquer desejo de seus líderes.

Pela mesma razão, um Irã nuclear também tem graves implicações para potências militares ocidentais, especialmente os Estados Unidos. Os ativos militares norte-americanos na região, como as tropas norte-americanas e as bases no Golfo Pérsico, Afeganistão, Kuwait, Bahrein, Qatar e Emirados Árabes Unidos estarão próximos da faixa de alcance dos mísseis



e em iminente perigo, logo que o Irã desenvolva com sucesso uma ogiva nuclear. As opções dos Estados Unidos terão de ser rápidas e severamente restritas àquele ponto—um ponto aparentemente sem consideração pelo chefia norte-americana.

Apaziguamento contínuo ou ataque preventivo

O professor de Harvard, Niall Ferguson, resumiu as opções ocidentais em sua coluna na revista *Newsweek*, concluindo: “A guerra é um mal. Mas às vezes uma guerra preventiva pode ser um mal menor do que uma política de apaziguamento” (“Israel e Irã na Véspera Destrutiva duma Nova Guerra dos Seis Dias”, 06 de fevereiro de 2012).

Ele listou cinco razões que foram dadas pelas quais Israel deveria evitar atacar preventivamente o Irã. As quatro primeiras são a retaliação iraniana através do fechamento do Estreito de Ormuz, o lançamento da região em chamas pelos muçulmanos, a disparada dos preços do petróleo que perturbaria gravemente a economia mundial, e o fortalecimento da liderança iraniana.

E a última é: “Um Irã com armas nucleares não é nada para se preocupar. Pois os países tornam-se mais avessos ao risco [não querem correr o risco] uma vez que adquiram armas nucleares”.

O professor Ferguson, em seguida, rebateu cada um destes argumentos. Ele destacou que dois porta-aviões norte-americanos já estão presentes no Golfo Pérsico, provavelmente com outro prestes a se juntar a estes. Ele também afirmou que muitos muçulmanos, a maioria sendo do ramo sunita do Islã, se opõem aos xiitas iranianos, e que realmente não ficariam aborrecidos se as ambições nucleares iranianas fossem controladas. Ademais, ele demonstrou a improbabilidade de os líderes iranianos se oporem mais veementemente após uma séria humilhação militar.

Ele fez piada com a noção de que as armas nucleares tornarão, repentinamente, os líderes iranianos responsáveis, dizendo: “Nós supostamente temos de crer que uma teocracia xiita revolucionária da noite para o dia se tornará um discípulo sóbrio e calculista da realística escola da diplomacia . . . porque finalmente adquiriram armas de destruição em massa?”

Fechamento do Estreito de Ormuz: Ainda uma grave ameaça Iraniana

Teerã tem tido total controle sobre o cobiçado Estreito de Hormuz—que tem apenas quarenta e quatro quilômetros de largura no ponto mais estreito—durante muitos anos. Qual a grande importância dessa hidrovia do Oriente Médio? Cerca de vinte por cento das exportações de petróleo do mundo e mais de um terço de todo o petróleo transportado por mar passa por esse estreito ponto de estrangulamento na fronteira com o Irã e Omã. As estimativas de utilização desse canal para 2025 são de até sessenta por cento.

A interrupção ou fechamento desse canal vital provavelmente causaria um sufocamento na economia mundial, levando a disparada dos preços da gasolina e a uma provável desaceleração da economia mundial, talvez até a uma recessão. E o Irã não precisa bloquear completamente o estreito com presença militar—ataques nalguns navios tanque com mísseis anti-navios, submarinos ou embarcações de pequeno porte poderiam atingir o mesmo fim, fazendo o transporte de óleo se tornar proibitivamente caro devido aos custos altíssimos dos seguros.

As nações ocidentais, compreensivelmente, mantêm um olhar atento sobre esse estreito. Há alguns anos a revista *Commentary* publicou um artigo que afirmava: “O regime de Teerã não tem feito segredo do seu desejo de tomar o controle do Estreito, como parte de sua grande estratégia de transformar o Golfo em um lago iraniano” (Arthur Herman, “Levando o Irã a Sério: Uma Opção Militar”, Novembro de 2006). Um alto funcionário do governo iraniano havia emitido um aviso à União Europeia: “Nós temos o poder de interromper o fornecimento de petróleo, até à última gota” (citado por Herman).

Se isso realmente acontecer, a chantagem contra outras nações seria provavelmente a ordem do dia, e o Irã não tem medo de impor esta ameaça. Não é nenhum segredo que a ONU tem estado, na maioria das vezes, impotente quando se trata de aplicar sanções eficazes para mudar o comportamento iraniano—talvez porque a China, que precisa do petróleo iraniano para sus-



Shraun - Vemist

tentar sua economia, seja um dos cinco membros do Conselho de Segurança da ONU com poder de veto sobre tais ações.

Ademais, o Estreito de Ormuz não é a única área em que o Irã mantém domínio sobre uma grande parte do fornecimento global de energia. O jornalista norte-americano Robert Kaplan escreveu na revista *Foreign Policy*: “Virtualmente, todo o petróleo e o gás natural do Oriente Médio encontra-se nesta região [no núcleo persa, que se estende desde o Mar Cáspio, no norte do Golfo Pérsico ao sul do Irã]. Tal como rotas de navegação difundindo-se do Golfo Pérsico, os dutos são cada vez mais se irradiando da região do Mar Cáspio ao Mediterrâneo, ao Mar Negro, à China e ao Oceano Índico” (“A Vingança da Geografia”, maio-junho de 2009, pág. 105).

Continuando no mesmo artigo: “O único país que se estende sobre ambas as áreas de produção de energia [de petróleo e de gás natural] é o Irã . . . O Golfo Pérsico possui cinquenta e cinco por cento das reservas de petróleo bruto de todo o mundo, e o Irã domina todo o golfo . . . um litoral de 1.317 milhas náuticas, graças às suas inúmeras baías, enseadas, bacias e ilhas que oferecem em abundância excelentes lugares onde se esconder lanchas para abrir brechas nos navios petroleiros com o esporão”.

A influência iraniana sobre esses valiosos recursos naturais continua sendo uma preocupação constante no Ocidente e no mundo. Os riscos são muito altos no imensamente volátil Oriente Médio!



Ferguson adicionou o seguinte: “O único grande perigo no Oriente Médio de hoje não é o risco de uma guerra de seis dias entre Israel e o Irã. É o risco que o pensamento ilusório do Ocidente permita que os mulás de Teerã obtenham armas nucleares. Porque eu não tenho nenhuma dúvida de que eles tirariam o máximo proveito desse instrumento letal. Assim tenhamos consentido a criação de um império de extorsão”.

Jerusalém: O foco da profecia do fim dos tempos

Independentemente de como as coisas ocorram em curto prazo, podemos saber para onde os eventos se dirigem em longo prazo—dando-nos a imprescindível perspectiva sobre os acontecimentos atuais.

Por exemplo, podemos saber que uma entidade política judaica vai permanecer em Jerusalém e na terra de Israel, independente do que faça o Irã. Inclusive, nos últimos capítulos do livro de Daniel mostram os judeus do tempo do fim restabelecendo os sacrifícios em Jerusalém—sendo interrompidos pela invasão de um Império Romano revivido, por três anos e meio, antes do retorno de Jesus

Cristo (veja nosso livro gratuito *O Oriente Médio na Profecia Bíblica* para maiores detalhes). Assim, o Irã não varrerá Israel do mapa. No entanto, o Estado judeu ainda poderia sofrer uma grande devastação.

Geograficamente, a Bíblia é um livro do Oriente Médio. A peça central do cumprimento da profecia bíblica se apresentará no Oriente Médio—embora a Europa Central também tenha significativa importância profética, particularmente nos livros de Daniel e Apocalipse. No entanto, Jesus Cristo voltará a Jerusalém e pisará onde antes Ele havia subido, no Monte das Oliveiras (Zacarias 14:4, Atos 1:9-12).

Assim, o ponto focal dos eventos do fim dos tempos está aqui. “Assim diz o SENHOR Deus: *Esta é Jerusalém; pu-la no meio das nações*” (Ezequiel 5:5, ARA). Jerusalém simboliza ambos a cidade e o país.

Nenhum outro território neste planeta tem despertado tão incendiárias paixões religiosas. Embora grande parte do verdadeiro plano e propósito de Deus para os seres humanos já tenha sido encenado na Terra Santa, partes do Oriente Médio têm sido o local geográfico para graves idolatrias espirituais e todas as suas trágicas consequências.

Você pode ler mais sobre o que a profecia bíblica revela no artigo “O Oriente Médio: Foco do da Profecia Bíblica do Fim dos Tempos”, a partir da página 7.

Continue observando os eventos mundiais, tanto na Terra Santa quanto no Oriente Médio em geral. Os acontecimentos profetizados afetarão seriamente nossas vidas, não importa onde vivamos neste planeta conturbado. Voltarmos-nos humildemente para Deus pedindo ajuda e libertação torna-se cada vez mais imperativo, durante esses tempos perturbadores.

Saiba mais

Nosso guia de estudo bíblico gratuito sobre profecia assumem cada vez mais relevância imediata conforme o mundo se aproxima do momento de grande trauma que levará diretamente à segunda vinda de Jesus Cristo (Mateus 24:21-22). Solicite ou baixe os livros “*O Oriente Médio na Profecia Bíblica*” e “*Você Pode Entender A Profecia Bíblica*”. **BN**



O Decisivo Elemento Humano na Atual Crise

Os seres humanos compõem as nações e grupos nacionais. E os líderes humanos inevitavelmente possuem personalidades muito peculiares, legados e históricos. Imaginar que todos esses fatores nunca influenciam uma tomada de decisão no país seria muitíssimo irrealista.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, descende de uma família extremamente consciente das perseguições dos judeus ocorridas no passado. Seu pai, o erudito Benzion Netanyahu (com 102 anos de idade), se especializou em estudar a Inquisição Espanhola. Ele intitulou sua obra-prima *As Origens da Inquisição na Espanha do Século XV*. E, nela, ele “argumentou que a Inquisição seguiu um padrão tradicional de antissemitismo: A perseguição sistemática, ele tem argumentado, ao longo de sua carreira, que isso sempre é precedido por campanhas de difamação e de desumanização que tem como objetivo assegurar a eventual eliminação de judeus” (Jeffrey Goldberg, “O Jogo Mais Perigoso”, *The Spectator*, 10 de março de 2012).

O rabino-chefe de Londres, Jonathan Sacks, observou como o antissemitismo, geralmente dirigido contra pessoas em tempos passados, hoje se converteu em antipatia contra o Estado de Israel.

O primeiro-ministro israelense continua, dolorosamente, ciente de sua enorme responsabilidade não apenas para

a nação de Israel, mas para toda a comunidade judaica em geral. Qualquer ação militar contra o Irã traria, em seu rastro, consequências graves como todo tipo de custo. No entanto, as vidas de seis milhões de judeus (para não mencionar mais de um milhão de árabes israelenses) também estão em jogo. Este foi o número de judeus que pereceram no Holocausto nazista.

Benjamin Netanyahu não avalia apenas a complexidade da atual situação de crise com seus assessores, mas também permanece, agudamente, consciente de toda a história judaica, e de Israel em particular, fundada em 1948. Ele escreveu um livro muito bom sobre a nação de Israel, *Um Lugar Entre As Nações*.

Considere o presente que o primeiro-ministro deu ao presidente Obama no início de seu recente encontro. “Era uma cópia do pergaminho de Ester, que conta a história, agora comemorada durante o feriado de Purim, de como o povo judeu escapou por pouco da aniquilação nas mãos de um governante persa pérfido [traíçoeiro]” (ibidem). Hoje, a Pérsia é chamada de Irã. “Netanyahu pode ter muitas características, mas a sutileza não é uma delas” (ibidem).

O apóstolo Paulo exortou a Timóteo (e a nós) a orar por nossos líderes nacionais (1 Timóteo 2:1-2). Será que não devemos levar esta responsabilidade muito a sério, especialmente nestes tempos de grande instabilidade mundial?



O Oriente Médio: Foco da Profecia Bíblica do Fim dos Tempos

Frequentemente temos visto o Oriente Médio em destaque nos programas de notícias ao redor do mundo. As nações são afetadas profundamente pelo que acontece nesta região instável. Você precisa entender o que foi profetizado para acontecer nessa região e também o motivo. *por Peter Eddington e John Ross Schroeder*

Asangrenta guerra civil na Síria e a ameaça de guerra entre Irã e Israel, sem dúvida, têm feito as pessoas terem mais consciência sobre a fragilidade da paz em nosso mundo e, em particular no Oriente Médio. Os eventos nessa terra histórica estão destinados a afetar as vidas de todos na Terra.

Antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) o Oriente Médio era dominado pelo Império Turco Otomano, que reforçou o nível de paz em toda a região. Este vasto reino abrangia os territórios dos Estados modernos da Turquia, Egito, Arábia Saudita, Líbano, Síria, Iraque, Kuwait, Jordânia e Israel. Ao mesmo tempo este império governava extensas porções de terras no norte da África e no sudeste da Europa.

O Império Turco poderia ter continuado se não fosse pela Primeira Guerra Mundial. No início não estava claro qual lado seria apoiado pelos otomanos. Ambos, ingleses e alemães, procuraram o apoio do sultão. Então, por fim, ele decidiu apoiar a Alemanha, uma decisão fatal que levou ao nascimento de muitas novas nações—e disseminação de guerras, aparentemente sem fim.

Vamos olhar para esta surpreendente história e o relato do fim dos tempos nessa região crucial, estabelecido há milênios na Bíblia. Ao projetarmos mais à frente desses eventos do fim dos tempos, vamos ver o desenrolar de uma trama em direção ao tempo do Armageddon.

Uma superpotência está surgindo

Os eventos na Europa e no Oriente Médio afetarão o mundo inteiro, e desde já todos nós devemos entender que atualmente estamos numa fase de transição entre esta era do homem e um mundo



utópico totalmente diferente por vir. Mas a humanidade vai fazer uma última tentativa para constituir um poder global, separado de Deus, pouco antes de Jesus Cristo voltar para estabelecer o Reino de Deus e iniciar seu governo divino benevolente no planeta Terra.

Apenas alguns anos antes de Ele voltar, trazendo seu governo que terá sede em Jerusalém, um poderoso reino de homens surgirá—uma superpotência deslumbrante com raízes no antigo Sacro Império Romano.

O surgimento desse último e poderoso reino de homens constitui a última ressurreição de uma longa série de tentativas de estabelecer um superestado europeu, que remonta ao tempo após a queda de Roma em 476 d.C. Ele marcará o último esforço inútil de homens enganadores e rebeldes para estabelecer a sua versão de paz na Terra, à parte do Deus Criador.

O papel fundamental de Jerusalém

Hoje, o Estado de Israel está cercado por nações hostis que desejam pôr fim à sua existência. Há muito tempo a Bíblia predisse isso iria acontecer (veja Salmo 83:3-5). Para entender para onde os

eventos estão se dirigindo, você precisa entender algo do papel histórico e profético de Israel.

Na Bíblia, o nome Jerusalém não representa apenas a cidade geográfica em si, mas também é muitas vezes usado simbolicamente para os povos de Israel como um todo. Esta capital histórica continua sendo a cidade mais disputada da Terra, tendo caído sob as forças invasoras por mais de vinte vezes ao longo de sua história.

O território em que se encontra o Estado de Israel, incluindo Jerusalém, foi antigamente a antiga Canaã, a terra à qual Deus enviou o patriarca Abraão, cerca de quatro mil anos atrás. E encontra-se na encruzilhada de três continentes—Ásia, África e Europa. E, claro, a Terra Santa é considerada sagrada para três religiões mundiais—judaísmo, cristianismo e islamismo.

Há mais de 2.500 anos, Deus revelou ao profeta Daniel que a terra de seu povo seria disputada ao longo dos próximos séculos. Para compreender as implicações globais, precisamos examinar Daniel 11, a maior profecia contínua da Bíblia, que cobre os eventos na região dos dias de Daniel até o



retorno de Jesus Cristo.

Os primeiros trinta e cinco versículos de Daniel 11 nos dá um fundo histórico e constituem um relato detalhado e preciso do que se abateria sobre o povo de Judá na Terra Santa nos séculos seguintes. A profecia predisse que eles seriam apanhados em um conflito entre a dinastia ptolemaica do Egito, ao sul de Judá, e os selêucidas da Síria, ao norte.

Os governantes desses reinos eram descendentes de dois dos quatro generais que dividiram o império Greco-Macedônio após a morte de Alexandre, o Grande, cujas façanhas foram preditas anteriormente no livro de Daniel. Estes dois generais foram originalmente o “rei do Norte” e o “rei do Sul” mencionado em Daniel 11—seguido por governantes posteriores profetizados a assumir o controle dessas regiões. Você pode ler sobre o cumprimento histórico dos primeiros trinta e cinco versículos de Daniel 11 em nosso livro gratuito *O Oriente Médio na Profecia Bíblica*.

Repentinamente, os versículos 36 a 39 avançam no tempo. Essas passagens não são apenas históricas, mas também proféticas para a nossa época. O versículo 40 nitidamente dá um salto para o “tempo do fim”, como veremos.

O tempo do fim

Quem era o rei do Norte durante o período imediatamente antes de Jesus Cristo vir ao mundo? Em 65 a.C., a Síria dos selêucidas foi tragada pelo Império Romano. Com efeito, este império se tornou o reino do Norte. Esta é a chave dessa transição histórica que nos permite compreender como essa profecia se aplica ao tempo do fim. Posteriormente, o rei do norte não se refere mais aos selêucidas da Síria, mas aos governantes do Império Romano e seus sucessores.

Daniel 11:36-38 descreve as ações dos imperadores romanos e seus sucessores, guiando-nos através das eras até ao último líder carismático do tempo do fim.

Agora leia Daniel 11:40: “E, no fim do tempo, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte o acometerá com carros, e com cavaleiros, e com muitos navios; e entrará nas terras, e as inundará, e passará” (grifo do autor).

Isso se refere a eventos que ainda estão por vir. É evidente que uma nova

onda de antigos conflitos envolverá o Oriente Médio nos tempos de hoje. Mas a conclusão será muito diferente de tudo que já aconteceu antes, porque esses eventos levarão diretamente para ao armagedon e à segunda vinda de Jesus Cristo.

Este último e crucial conflito será o centro de Jerusalém e da Terra Santa, o verdadeiro espólio histórico que Deus deu aos filhos de Israel através de Abraão, Moisés, Josué e do rei Davi. “Assim diz o SENHOR Deus: Esta é Jerusalém; pu-la no meio das nações e terras que estão ao redor dela” (Ezequiel 5:5, ARA). Lembre-se que a Terra Santa está na encruzilhada de três continentes. Esta descrição é ambos simbólica e, quanto ao seu sentido bíblico, geográfica.

Os últimos reis referidos em Daniel 11 são poderosos governantes geopolíticos que virão ambos do norte e do sul, com forças que assolarão todo o atual Estado de Israel e o povo judeu.

O livro de Apocalipse complementa Daniel

No tempo do fim, vemos nos livros bíblicos proféticos de Daniel e de Apocalipse que uma nova superpotência global irá surgir. Descobrimos mais detalhes deste poder no tempo do fim em Apocalipse 17. Tal como o profeta Daniel viu vários animais que representavam os poderes dominantes que surgiriam depois dele, igualmente o apóstolo João teve uma visão de uma besta profética que iria dominar o mundo no iminente fim desta era do homem.

“E [um anjo] levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor escarlate, que estava cheia de nomes de blasfêmia e tinha sete [7] cabeças e dez chifres” (Apocalipse 17:3).

O anjo revelador explicou ao apóstolo João o significado dos dez chifres: “E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão o poder como reis por uma hora, [um tempo relativamente curto] juntamente com a besta. Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta” (versículos 12-13).

Observe que o versículo seguinte revela que isso ocorrerá no tempo da segunda vinda de Jesus Cristo: “Estes combaterão

contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, eleitos e fiéis” (versículo 14).

Quatro impérios mundiais dominantes

A besta referida em Apocalipse 17, constitui outra visão do último dos quatro grandes impérios de Daniel 7.

Durante seu tempo na Babilônia, Daniel registrou uma visão de “quatro grandes animais” (Daniel 7:3). Estes impérios gentios iriam dominar o Oriente Médio e causariam um grande impacto na região. Estes impérios dominantes foram, em ordem cronológica, o Império babilônico de Nabucodonosor, o Império Medo-Persa, o Império Greco-Macedônio de Alexandre o Grande e, finalmente, o Império Romano.

As tentativas feitas ao longo dos séculos para reviver a força e o poder do Império Romano estão profetizadas a culminar em seu último renascimento no tempo do fim. O derradeiro império sucessor vai fazer um esforço, como fizeram os outros, para restaurar a unidade europeia romana, que foi realidade há mais de dois mil anos.

Este império vai se tornar novamente um sistema poderoso e ditatorial aliado e apoiado por uma grande igreja falsa, descrita na profecia bíblica como uma besta com chifres de cordeiro, mas que fala como um dragão e como uma prostituta rica e poderosa que tem relações imorais com os líderes do mundo (ver Apocalipse 13:11-12; 17:1-7).

O quarto animal de Daniel

Tanto o quarto animal descrito em Daniel 7 existente no momento do retorno de Cristo como a besta que João viu em Apocalipse 17 são profecias que se encaixam uma à outra—falando, afinal, da mesma ressurreição do Império Romano no fim dos tempos.

É verdade que o Império Romano original sucumbiu há muitos séculos. Mas poucos percebem que líderes europeus, como o [1] Imperador Justiniano, [2] Carlos Magno, [3] Otto (o Grande), [4] Carlos V, [5] Napoleão, [6] Benito Mussolini e Adolf Hitler tentaram reviver o Império Romano de várias formas ao longo dos séculos. Ainda resta um último [7°] renascimento.

A derradeira ressurreição, como o



Império Romano original, tomará lugar na Europa Central. Parece que a União Europeia (UE)—embora, hoje, passe por grandes dificuldades dentro de sua zona do euro (o grupo de países que utilizam o euro como moeda comum)—pode eventualmente ser o seu início em forma embrionária.

Isso *não* quer dizer que todas as atuais nações da União Europeia serão parte dessa última formação. Esta será uma aliança de dez “reis”—líderes de nações ou regiões—como mencionado antes. Eles concordarão em formar uma poderosa força militar que vai se envolver diretamente no Oriente Médio.

Este rei do Norte do fim dos tempos, de quem diz Daniel 11, certamente parece referir-se ao último governante dessa superpotência europeia. Mas para entender quem é o rei do *sul* antes será preciso rever brevemente a história e o pensamento dos povos do mundo árabe.

Compreendendo o mundo árabe

Os povos árabes são os antigos descendentes de Ismael (filho do patriarca bíblico Abraão). Por muito tempo, eles vêm sonhando com uma união. No princípio, as tribos guerreiras da Arábia foram unidas por Mohammad através de uma nova religião chamada islamismo. A *Ummah* unida, ou a comunidade mundial dos crentes islâmicos, tem sido um sonho constante ao longo dos séculos. No entanto, essa unidade tem sido uma ilusão árabe nos últimos 750 anos. Pois, somente nos últimos cinquenta anos é que eles se tornaram independentes do domínio estrangeiro.

Um aspecto fundamental do ensino islâmico é que o islamismo deve se tornar a religião predominante em todo o mundo. Várias tentativas foram feitas para alcançar a união árabe. O sudanês Muhammad Ahmad ibn al-Sayyid (1844-1885) proclamou-se o messias islâmico, o *Mahdi* ou “o guia” divinamente escolhido para unir os muçulmanos e derrotar os infiéis. Por fim, ele não conseguiu cumprir esta missão, mas teve mais êxito do que outros líderes seculares.

Então, o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser (1956-1970), formou uma união, de curta duração, com a Síria chamada de República Árabe Unida (1958-1961). Saddam Hussein, do Iraque, se

imaginou sendo outro Saladino (1138-1193, líder muçulmano durante as Cruzadas) e procurou unir o mundo árabe contra Israel e os Estados Unidos. Mas o poder militar norte-americano trouxe a sua queda e morte. Até mesmo Osama bin Laden teve um considerável êxito em unir muitos muçulmanos contra os Estados Unidos e o Ocidente, mas ele acabou sendo encontrado e morto em seu esconderijo.

No entanto, muitos muçulmanos ainda acreditam que outro Mahdi está profetizado a aparecer durante um tempo porvir de tumulto para assegurar a vitória final do islamismo sobre todas as outras religiões. Atualmente, o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad e seus cooperadores gostariam, desesperadamente, acelerar os acontecimentos do fim dos tempos para apressar o aparecimento do último Mahdi, assim como eles entendem.

Claro, a Bíblia continua sendo o guia definitivo para nos ajudar a entender o verdadeiro significado desses eventos históricos e o que eles anunciam para o futuro.

A identidade do rei do sul

Como observado anteriormente, a menção inicial do rei do sul em Daniel 11 se refere à dinastia ptolomaica no Egito. No entanto, a profecia posteriormente nos mostra que um rei do sul se levantará para desafiar um rei do norte no fim dos tempos. E ao fazê-lo, este governante do sul vai, inadvertidamente, colocar em movimento uma série de eventos que levarão à uma carnificina inimaginável antes de Jesus Cristo voltar à Terra e deter o extermínio da raça humana (ver Mateus 24:21-22).

Veja novamente Daniel 11:40, uma passagem crucial que traz a perspectiva necessária para esses eventos culminantes: “*E, no fim do tempo, o rei do Sul lutará [‘empurrará’ como está na Versão Bíblica do Rei Jaime] com ele, e o rei do Norte o acometerá . . . e entrará nas terras, e as inundará, e passará*”.

O poder governante do Sul, no tempo do fim, vai provocar o governante do norte, que desatará uma grande invasão militar ao Egito (versículo 42). Após este tempo, o rei do sul não será mais um fator na profecia bíblica. É evidente que esta invasão pelo poder Besta centrada na

Europa terá uma vitória decisiva e também entrará em Israel.

Observe os versículos 41-43: “E entrará também na terra gloriosa [a Terra Santa], e muitos países serão derribados . . . E estenderá a sua mão às terras, e a terra do Egito não escapará. E apoderar-se-á dos tesouros . . . e de todas as coisas desejáveis do Egito; e os líbios e os etíopes o seguirão”. Esta invasão e ocupação militar se estenderão de Israel ao norte da África.

“Mas os rumores do Oriente e do Norte o espantarão” (versículo 44). Esta passagem parece ser uma referência a um enorme exército descrito em Apocalipse 9, que vai desafiar o rei do Norte.

Os “reis do Oriente”

Como esses eventos podem estar ligados? A Bíblia fala profeticamente dos “reis do oriente.” Ela nos diz que ao se aproximar o fim desta era do homem, o grande rio Eufrates se secará “para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente” (Apocalipse 16:12).

Apocalipse 9:16 mostra esta ligação. Esta passagem descreve os movimentos dos grandes exércitos que irão enfrentar o avanço dessa superpotência europeia, pouco tempo antes do retorno de Jesus Cristo a esta Terra.

Estes exércitos poderiam consistir de uma força militar multinacional, provavelmente incluindo países islâmicos como Turquia, Síria, Iraque, Irã, Afeganistão, Uzbequistão, Cazaquistão, Paquistão, Bangladesh e Indonésia.

Também podem consistir de outras tropas asiáticas do Extremo Oriente, incluindo soldados da Rússia, Índia e China. A Bíblia não é específica aqui. Certamente, essa enorme quantidade necessária para tão grandes exércitos está na Ásia. E, possivelmente, exércitos orientais poderiam atuar em conjunto com as forças islâmicas neste confronto final para o controle mundial.

(Nós vemos em Ezequiel 38 e 39 que, logo após o retorno de Cristo, as forças do Irã e da Ásia Central se unirão com a Rússia, China, Índia e o Sudeste Asiático em outra invasão à Terra Santa—a qual está profetizada fracassar. Portanto, é bem possível que eles, não muito antes disso, estejam unidos nessa invasão durante a volta de Cristo).

Isso leva a que é frequentemente, e erroneamente, chamada de a batalha do Armagedon. Vemos em Apocalipse 16:14 e 16 que as forças militares se reunirão na planície do Armageddon—um plano estendido diante da colina de Megiddo, no norte de Israel. Na verdade, a batalha ocorrerá cerca de 88 quilômetros ao sul de Megiddo, em Jerusalém (Joel 3:12-14).

Ao verem Cristo descendo em Jerusalém, os exércitos inimigos deixarão de lutar uns contra os outros e se juntarão para enfrentá-Lo—e serão completamente derrotados (Apocalipse 19:19-21; comparar Zacarias 14:1-4, 12).

O que tudo isso significa para você?

Todas as manobras de destruição e devastação no tempo do fim vai tirar a vida de mais de um terço da raça humana. Jesus Cristo deve retornar para salvar a humanidade de si mesma ou esses conflitos cataclísmicos não deixariam

nenhum sobrevivente humano. Mas Ele não garante que voltará à Terra em cima da hora (Mateus 24:21-22). Porém Ele vai abreviar essa destruição em massa provocada por uma humanidade rebelde.

O Oriente Médio gera regularmente eventos cruciais que trazem grande preocupação a muitos observadores. A profecia bíblica mostra que o Oriente Médio e a Europa serão o centro da atenção mundial nos próximos anos. Os eventos no Oriente Médio irão desencadear a crise final, no fim desta idade do homem.

Jesus Cristo ordenou a todos nós: “E olhai por vós, para que não aconteça que o vosso coração se carregue de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia. Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra” (Lucas 21:34-35).

A maioria das pessoas vai ser pega de surpresa. Ignorando os sinais do tempo predito na profecia bíblica, elas vão

encontrar-se na situação dos habitantes de Sodoma pouco antes de começar a chover fogo e enxofre do céu, e como o mundo antediluviano pouco antes do grande dilúvio do tempo de Noé que afogou o mundo (ver Lucas 17:26-30).

Mas Jesus Cristo nos diz em Lucas 21:36: “*Vigiai, pois, em todo o tempo, orando*, para que sejais havidos por dignos de evitar todas essas coisas que hão de acontecer e de estar em pé diante do Filho do Homem”.

Saiba mais

Não deixe de ler nosso livro gratuito *O Oriente Médio na Profecia Bíblica* para saber mais sobre os eventos descritos neste artigo. Ele explica em detalhes como e por que o Oriente Médio será o lugar onde se culminará os eventos do tempo do fim, dando-lhe uma visão melhor para onde se dirigem realmente as nações ocidentais e islâmicas. Solicite ou baixe gratuitamente sua cópia hoje mesmo! **BN**

O Egito na Profecia Bíblica

A chave da profecia de Daniel 11 para o Oriente Médio afirma claramente que “a terra do Egito não escapará” à invasão militar do rei do Norte (versículo 42), lançada em retaliação à provocação do líder muçulmano de uma aliança do fim dos tempos, conhecido como o rei do Sul (versículo 40). Atualmente o Egito encontra-se nas manchetes por causa



da “Mola Árabe”, que no Egito trouxe a queda do governo de Mubarak e a ascensão do fundamentalismo islâmico. O Ocidente depende da estabilidade do Egito, porque cerca de trinta por cento do petróleo mundial passa pelo Canal de Suez. Também há receios fundamentados de que a relação estável do Egito com o estado limítrofe de Israel pode estar seriamente ameaçada, algo que poderia levar a uma outra guerra no Oriente Médio.

Os Estados Unidos dá cerca de dois bilhões de dólares para Cairo anualmente, principalmente para ajuda militar—no entanto, há um risco agora de fundamentalistas islâmicos ganharem um considerável controle do próximo governo egípcio. E outra questão-chave é quem vai controlar os armamentos de alta tecnologia dos Estados Unidos no Egito, incluindo muitos tanques e caças avançados? Será que vão cair nas mãos de um futuro regime hostil ao Ocidente, aos Estados Unidos e principalmente a Israel?

Felizmente, seja lá o que for que esteja à frente durante esta era do homem, no final, os egípcios vão encontrar um futuro brilhante após a segunda vinda de Jesus Cristo. Eles podem passar algumas lições duras para aprender no início do reinado milenar de Cristo (ver Zacarias 14:18-19), mas o profeta hebreu Isaías mostra que, por fim, tudo ficará bem.

Isaías diz o seguinte sobre aquele tempo: “Naquele dia, o SENHOR terá um altar no meio da terra do Egito, e uma coluna se erigirá ao SENHOR na sua fronteira” (Isaías 19:19). Então ele passa a explicar o que fará com isso aconteça: “Ao SENHOR [os egípcios] clamarão por causa dos opressores, e eles lhes enviará um Salvador e Defensor que os há de livrar. O SENHOR se dará

a conhecer ao Egito, e os egípcios conhecerão o SENHOR naquele dia” (versículos 20-21). Na verdade, este será o momento em que todas as nações e povos irão conhecer o verdadeiro Deus “desde o menor deles até o maior deles” (Jeremias 31:34).

Então, “naquele dia, haverá estrada do Egito até à Assíria [antigo inimigo do Egito] . . . e os egípcios adorarão [a Deus] com os assírios. Naquele dia, Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios, uma bênção no meio da terra; porque o SENHOR dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança” (Isaías 19:23-25). Todas as nações viverão finalmente em paz umas com as outras.

As notícias de hoje nos dizem que os adeptos do cristianismo Copta no Egito estão sofrendo grande perseguição, na esteira da Mola Árabe e da queda do governo secular egípcio, que na maioria das vezes protegia os seus direitos e lhes dava segurança. Mas no mundo vindouro, todos os povos, inclusive os egípcios, vão florescer—visto que o culto religioso verdadeiro acompanhará a paz universal e prosperidade. Para saber mais, solicite ou baixe gratuitamente nosso livro *O Evangelho do Reino*.

—John Ross Schroeder



Por trás das Notícias

Será Que o Irã Vai Influenciar Novamente a Próxima Eleição nos Estados Unidos?

Há mais de trinta anos, o regime teocrático do Irã tem influenciado o resultado da eleição presidencial nos Estados Unidos. Mais uma vez, o Irã parece surgir como um fator importante na próxima eleição Norte-Americana. *por Melvin Rhodes*

Uma vez mais, o Irã poderá determinar o resultado da eleição presidencial nos Estados Unidos. Foi o que aconteceu em 1980. E poderá acontecer em 2012.

Antes de 1979, o Irã era um aliado dos Estados Unidos, usando seu poderio militar para cuidar dos interesses ocidentais no Golfo Pérsico. Então, no início de 1979, o Xá pró-ocidental do Irã foi derrubado e a monarquia iraniana foi substituída por um estado teocrático revolucionário sob o comando direto de aiatolás islâmicos.

No ápice da revolução, funcionários da embaixada norte-americana foram feitos reféns pelos revolucionários, violando todas as normas e acordos internacionais. Eles estiveram em cativeiro por 444 dias. Depois de tentativas fracassadas de negociar um acordo, militares norte-americanos tentaram um resgate em abril de 1980. A missão falhou—resultando na perda de oito vidas norte-americanas e dois aviões militares.

Esta empreitada militar e o fracasso nas negociações contribuíram, por um longo tempo, para a derrota do presidente Jimmy Carter na eleição de 1980.

Jimmy Carter era visto como impotente diante da intransigência iraniana, enquanto aquele que o derrotou, Ronald Reagan, era visto como alguém disposto a fazer o que fosse necessário para resolver a situação dos reféns, sem humilhar ainda mais o país. Não foi coincidência os iranianos terem libertado os reféns, minutos após Reagan ter feito o juramento como o novo presidente dos Estados Unidos.

Hoje, o atual presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, é visto por alguns como impotente diante do Irã.

Enquanto os iranianos seguem na busca

de possuir armas nucleares, e primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, segue alertando para a crescente ameaça do Irã contra Israel e o Ocidente, o presidente Barack Obama tem aumentado as sanções, mas, aparentemente, pouco tem sido feito para enfrentar o perigo de um Irã com armas nucleares.

Isto ou outros acontecimentos relativos ao Irã poderão impactar significativamente a próxima eleição, em novembro, nos Estados Unidos—e em todo o mundo.

O acesso ao petróleo e o preço dos combustíveis

Se o Irã atacar Israel ou algum alvo dos Estados Unidos no Oriente Médio nos próximos meses, isto poderia influenciar poderosamente a eleição norte-americana. O mesmo seria verdade se Israel atacar o Irã. Qualquer mal-estar contínuo poderia influenciar o resultado da eleição, já que a instabilidade aumenta o preço internacional do petróleo, aumenta-se o valor na bomba, e isto é uma questão importante na política norte-americana.

Os preços mais altos dos combustíveis *sempre* significam que tudo está subindo, especialmente os alimentos. (Ironicamente, nem gasolina, nem a alimentação estão incluídos nos números oficiais da inflação nos Estados Unidos, pois ambos são considerados sazonais.)

Por diversas vezes, o Irã tem ameaçado bloquear o Estreito de Ormuz, através do qual passa cerca de vinte por cento do petróleo mundial em petroleiros gigantes. E tudo isso poderia levar a uma ação militar, que causaria um vertiginoso aumento no valor dos seguros, provavelmente trazendo um impasse para o transporte nessa área.

Claro, isso automaticamente elevaria ao máximo o preço do petróleo em todo o mundo, inevitavelmente contribuindo para um possível caos econômico e recessão mundial.

O jornal *The New York Times* relata: “O Irã e o Ocidente há anos têm estado em desacordo sobre seu programa nuclear. Mas esta disputa ganhou força desde novembro de 2011, com novas descobertas de inspetores internacionais, sanções mais duras por parte dos Estados Unidos e Europa, as ameaças do Irã para fechar o Estreito de Ormuz ao transporte de petróleo e por Israel [ter] sinalizado mais sobre sua prontidão para atacar as instalações nucleares iranianas” (“O Programa Nuclear do Irã”, 8 de março de 2012).

E um artigo recente na revista *Newsweek* destacou o fato de que o Irã, que luta contra as sanções internacionais ao país, tem reagido impondo suas próprias sanções a seis países europeus. A Europa é mais dependente do petróleo iraniano do que os Estados Unidos, mas qualquer efeito negativo na Europa poderia causar um impacto nos Estados Unidos, já que o preço mundial do petróleo determina os preços da gasolina neste país.

Curiosamente, as sanções do Irã foram impostas à França e cinco países chamados PIIGS (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha)—países que se encontram lutando para lidar com a crise financeira da zona do euro. O artigo, escrito pelo professor de história de Harvard e célebre autor Niall Ferguson, especulou que o objetivo do Irã é rebaixar esses países, o que teria um efeito dominó no mundo, derrubando assim o sistema econômico internacional:

“A dependência energética tem consequências geopolíticas—como reduzir sua influência em qualquer sentido com um exportador de petróleo. Se até mesmo o rumor de uma proibição de exportação iraniana poderia elevar o preço do barril de petróleo acima de 120 dólares, então quais seriam as consequências de um confronto em larga escala entre o Irã e Israel? Resposta: Significaria infligir muito mais miséria econômica na Europa, o que dá a Bruxelas um grande incentivo para evitar esse confronto” (“O Irã Usa a Dependência Europeia do Petróleo Como Chantagem Sobre as Armas Nucleares”, 20 de fevereiro de 2012).

O Irã não está isolado entre as nações islâmicas. Os iranianos dominam uma gama de países que se estende do noroeste e ao leste do Irã. E agora inclui também o Iraque, que tem em sua população a maioria xiita—uma população até então mantida sob controle pelo seu falecido presidente Saddam Hussein, um árabe sunita nominal e irreligioso. O novo sistema democrático estabelecido por Estados Unidos e nações da coalizão resultou no domínio da maioria xiita. E eles naturalmente se identificam com os compatriotas xiitas iranianos.

Saddam Hussein também mantinha o Irã em cheque na região. Sua deposição e a longa guerra no Iraque trouxeram como

encontro deve servir como um sério aviso para os Estados Unidos. A reunião teve pouca atenção dos meios de comunicação norte-americanos.

Além disso, a influência do Irã não está limitada ao Oriente Médio.

Por conseguinte, esta influência se estende à Venezuela e Cuba, países vizinhos dos Estados Unidos. Já houve até especulações de que o Irã tem a intenção de apontar os seus primeiros artefatos nucleares para a Costa Oeste dos Estados Unidos, lançando esses mísseis a partir de um desses dois países.

E o aumento do poder militar do Irã tem o apoio de dois antigos inimigos dos Estados Unidos—Rússia e China. Qualquer ação norte-americana contra o Irã pode resultar em um confronto com uma ou ambas as nações.

Com tudo isso em mente, seria surpreendente o Irã não ser o assunto número um na eleição norte-americana. Claro, ainda há algum tempo para que isso aconteça. Hoje a economia é o principal tema nos Estados Unidos, mas se o Irã afetar fortemente a economia norte-americana, isso pode vir a ter um grande impacto sobre a eleição. Se, por exemplo, o combustível subir para cinco dólares o galão (cerca de €0,95 ou R\$2,30 por litro), o golpe psicológico pode influenciar muito na votação. Apesar de que €0,95 euros ou R\$2,30 por litro seria um valor invejável para a maioria dos consumidores de todo o mundo.

Claro, a evidente incapacidade do presidente Barack Obama em lidar com o Irã, até agora, não seria a única maneira na qual o Irã poderia ser um fator determinante na eleição dos Estados Unidos. Porém, se ele decidir por uma ação militar contra o Irã pouco antes da eleição, como creem alguns, isto pode influenciar a eleição — muitos norte-americanos são cautelosos quanto a «trocar os cavalos durante a corrida», como diz o ditado. No entanto, ainda não há nenhuma evidência de tal estratégia da sua parte.

Um conflito vindo no Oriente Médio

Conforme detalhado em nosso livro gratuito *O Oriente Médio na Profecia*, a Bíblia prediz o conflito entre “o rei do Sul”, que é hoje o mundo islâmico, e “o rei do Norte”, um líder de um Império Romano revivido composto da união de nações centradas na Europa.

Daniel 11:40 profetiza: “No fim do tempo, o rei do sul lutará com ele; e o rei do



Em 4 de Novembro de 1979, uma multidão iraniana invadiu a Embaixada dos EUA em Teerã, e fizeram 52 reféns norte-americanos durante 444 dias—minando as chances de reeleição do Presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter.

A abrangente influência do Irã

Enquanto o Ocidente está preocupado com o impacto que o programa nuclear do Irã poderia ter sobre os países ocidentais e Israel, as nações do Oriente Médio têm preocupações mais abrangentes, que remontam a treze séculos atrás.

Enquanto a maioria dos muçulmanos é do ramo sunita do islamismo, a maioria dos iranianos é do ramo xiita. A rivalidade entre esses ramos remonta ao século VII. Portanto, sendo os xiitas uma minoria, uma potência nuclear iraniana, por fim, pode dar-lhes a primazia sobre os sunitas majoritários.

Esta possibilidade está levando nações sunitas do Oriente Médio, como Arábia Saudita e Egito, a contemplarem a posse de armas nucleares para dissuadir um ataque iraniano. Em uma região extremamente instável, a existência de várias potências nucleares pode muito bem, em curto prazo, levar a uma guerra nuclear.

resultado um Irã emergindo muito mais forte como uma potência regional—um dos piores possíveis resultados para o Ocidente.

O regime sitiado da Síria é dominado pelos alauítas, uma seita minoritária do islamismo xiita. Na crise atual, o Irã apoia naturalmente o status quo. Se o presidente Bashar al-Assad for derrubado, é provável que a maioria sunita do governo irá substituí-lo. Isso iria contra os interesses do Irã e romperia sua ligação com o Hezbollah, um grupo terrorista que este país patrocina no Líbano. O Irã também apoia e influencia o Hamas, um grupo terrorista que opera na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. O Hezbollah e o Hamas se opõem violentamente a Israel.

Por outro lado, a influência do Irã se estende pelo Afeganistão e Paquistão. De fato, em fevereiro, os líderes dos três países se reuniram. Como os dois últimos são teoricamente aliados dos Estados Unidos na guerra contra os radicais islâmicos, o

norte virá como turbilhão contra ele, com carros e cavaleiros, e com muitos navios . . .”. O “fim do tempo” está previsto para o período imediatamente anterior ao retorno de Cristo. O texto aqui, escrito em aramaico no sexto século antes de Cristo, implica uma grande força militar contra-atacando no território do rei do sul.

O Norte é retratado respondendo a uma ação do Sul. O rei do sul “atacará” o Norte ou, como o diz a Bíblia inglesa Versão do Rei James, “empurrará” o Norte.

O “empurrar” pode implicar algo diferente de um ataque militar direto sobre a Europa. Poderia ser ações terroristas. Também poderia ser uma ameaça econômica. O bloqueio do Estreito de Ormuz ou qualquer outra coisa que possa suprimir o fornecimento de petróleo ao Ocidente certamente estaria nesta categoria. A Europa é muito mais dependente de petróleo do Oriente Médio que os Estados Unidos. Além disso, é possível que a relutância norte-americana em tomar uma ação militar necessária poderia ser a principal causa da intervenção europeia.

Isto não se significa que o Irã seja

identificado como o rei do sul—o poder do sul pode muito bem vir da maioria das nações árabes sunitas. No entanto, as ações iranianas podem ser um catalisador para tudo isso.

Continuando em Daniel 11, o profeta declara: “. . . e [o rei do Norte] entrará nas terras, e as inundará, e passará. E entrará também na terra gloriosa, e muitos países serão derribados» (versículos 40-41).

O contra-ataque do Norte leva a forças deste líder europeu a invadir e ocupar várias nações do Oriente Médio. A “Terra Gloriosa” é outro termo para a Terra Santa.

Quando lhe perguntaram: “Que sinal haverá quando isso estiver para acontecer?” (Lucas 21:7), Jesus disse aos discípulos: “Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeí, então, que é chegada a sua desolação” (versículo 20).

Jerusalém está no coração da profecia bíblica. Tem sido bem documentado que a intenção do líder do Irã é destruir a nação de Israel, e vários outros líderes muçulmanos também noticiaram este desejo. A profecia bíblica mostra que Jerusalém estará no centro dos acontecimentos do fim dos

tempos que levam ao retorno de Cristo.

Em uma profecia sobre este período de tempo, Deus disse estas palavras através do profeta Zacarias: “Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém” (Zacarias 14:2). “Eis que porei Jerusalém como *um copo de tremor* para todos os povos em redor e também para Judá, quando do cerco contra Jerusalém. E acontecerá, naquele dia, que farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos” (Zacarias 12:2-3).

A referência a “*um copo de tremor*” demonstra que as nações serão irracionais e imprevisíveis em seu desejo maníaco de destruir a nação judaica de Israel. Isto descreve com precisão a insanidade do regime iraniano—uma intenção que poucos no Ocidente apreciam totalmente.

Os líderes que buscam um conflito global

A natureza teocrática do Estado islâmico precisa ser mais bem compreendida pelas nações ocidentais.

A tendência ao ódio e à autodestruição
(continua na página 17)

Como Você Pode Entender Essas Mudanças Rápidas do Cenário Mundial?

A equipe que publica a revista *A Boa Nova*, obviamente, não desempenha nenhum papel determinante na política externa norte-americana ou israelense. Nós não temos uma bola de cristal para prever os acontecimentos diários nem mensais. O que trazemos aos nossos leitores é uma visão profética básica, com base na Bíblia, tornando muito mais fácil a avaliação de importantes eventos e tendências globais.

Somos muito conscientes de que as notícias de hoje indicam que o nosso mundo pode estar à beira do caos econômico e político. No início deste ano, um artigo da revista *Fortune* sobre um assunto distinto declarou: “Muito coisa está acontecendo no mundo. Importantes notícias políticas, econômicas e culturais estão ocorrendo em todos os continentes, aparentemente todos os dias, e é como uma avalanche para o infeliz cidadão que se esforça para se manter a par de tudo” (Geoff Colvin, “Um Mundo em Caos? Isso Pode Ser Uma Coisa Boa”, 23 de janeiro de 2012).

O importante papel de *A Boa Nova* é o de ajudar aos leitores a separar o joio do trigo na prática das instruções de Jesus Cristo, em Lucas 21:36: “Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas essas coisas que hão de acontecer e de estar em pé diante do Filho do Homem”. Isso é parte da profecia do fim dos tempos que Cristo deu no Monte das Oliveiras, nos arredores de Jerusalém. Ela resume os eventos traumáticos que terão lugar antes de Sua segunda vinda.

Entre um quarto e um terço da Bíblia é profecia. Se decidirmos ignorar ou negligenciar seriamente essa parte extensa da

Palavra de Deus, então estaremos nos privando do entendimento fundamental relativo ao nosso mundo moderno. Afinal de contas, o profeta Amós nos disse: “Certamente o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Amós 3:7, ACF).

Hoje temos os profetas e apóstolos de Cristo, bem como as palavras proféticas de Cristo nos Evangelhos. O apóstolo Pedro queria que os cristãos lembrassem as “*palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas e do mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos*” (2 Pedro 3:2). Algumas partes dos escritos apostólicos eram proféticas, inclusive, é claro, o livro de Apocalipse.

Por muitos anos, *A Boa Nova* vem analisando e explicando as mudanças no cenário mundial, à luz da profecia bíblica, concentrando-se particularmente em três grandes tendências profetizadas—a instabilidade no Oriente Médio, que está em curso, onde se prepara o palco para uma última e devastadora guerra; o surgimento de uma nova superpotência na Europa; e o declínio moral, espiritual, econômico e geopolítico dos Estados Unidos e as principais nações de língua inglesa.

Não é coincidência que todas as três dominam regularmente nossas manchetes. Todas elas há muito tempo foram anunciadas como principais acontecimentos que reformulariam nosso mundo antes do retorno de Jesus Cristo como Rei dos reis e Senhor dos senhores para estabelecer o Reino de Deus—outra mensagem-chave sempre enfatizada nas páginas de *A Boa Nova*.

—**John Ross Schroeder e Scott Ashley**



A Alemanha está usando a crise da dívida para dominar a Europa? Isso é o que pensam alguns europeus. Mas a posição da Alemanha na Europa é a que seus vizinhos esperavam após a Segunda Guerra Mundial. **por Paul Kieffer**

A julgar pelas reações nas negociações sobre a aprovação de empréstimos para estabilizar o euro, parece ter despertado os velhos temores europeus sobre uma Alemanha forte. Os furiosos manifestantes em Atenas chamaram os líderes alemães de “nazistas”, enquanto a imprensa britânica afirma que a Alemanha está usando a crise do euro para realizar um antigo sonho, há muito tempo reprimido, de ter seu próprio império.

Em um comentário sobre a posição da Alemanha durante as negociações do último verão sobre um novo empréstimo para saldar a dívida grega, o colunista do jornal *Daily Telegraph* afirmou que a Alemanha estava à beira de realizar o antigo sonho de Bismarck de um império econômico alemão na Europa. Esse império veria países do sul da Europa, como Grécia e Portugal—e também, mais tarde, a Espanha e a Itália—tornarem-se “desindustrializados”. Como fonte de mão-de-obra e matérias-primas baratas, então, de fato, se tornariam colônias alemãs e a Alemanha se transformaria em uma das economias mais eficientes e produtivas do mundo.

De acordo com o *Daily Telegraph*, a situação hoje na Europa é muito semelhante àquela após o quebra da bolsa de valores de Wall Street em outubro de 1929. A depressão resultante em todo o mundo levou à submissão da República de Weimar, proporcionando um impulso ao fascismo alemão. Tendo em vista esse precedente histórico o *Daily Telegraph* vê grandes mudanças potenciais na Europa decorrentes da atual crise (“A crise do euro vai dar a Alemanha o império que sempre sonhou”, 21 de julho de 2011).

Um mês após o comentário do *Daily*

Telegraph outro importante jornal britânico, o *Daily Mail*, manifestou sua preocupação sobre o crescente poder germânico no continente europeu. Alegando que a Alemanha está usando a crise financeira para conquistar a Europa, o *Daily Mail* noticiou que um “Quarto Reich” alemão está surgindo no horizonte.

“Se o euro sobreviver—e com ele o projeto europeu—os outros dezesseis países da zona do euro terão de ser como os alemães. Com efeito, eles devem perder a liberdade de não serem como os alemães. Isso significa uma total união fiscal na qual a Alemanha, como a economia mais poderosa da União Europeia e principal tesoureiro, vai ditar as regras e as tornar invioláveis. Não resta dúvidas do que significa uma união fiscal: Uma só política econômica, um único sistema de tributação, um único sistema de seguridade social, uma única dívida, uma única economia, um único ministro da economia. E tudo isso seria alemão” (“O Despertar do Quarto Reich: Como a Alemanha está usando a crise financeira para conquistar a Europa”, 17 de agosto de 2011).

Em um artigo publicado antes da reunião de cúpula da União Europeia, no mês de janeiro em Bruxelas, sobre a crise do euro, o *Daily Mail* continuou sua retórica anti-alemã. Ao se referir à estrutura organizacional utilizada pela Alemanha nazista, o jornal descreveu a sugestão de Berlim para ter um funcionário europeu supervisionando a economia grega com a atribuição de um “Gauleiter” (líder político e oficial chefe de um distrito sob o controle nazista) para a Grécia (28 de janeiro de 2012). O jornal alemão *Bild* já havia citado o artigo do *Daily Mail* sobre a conquista alemã pela dominação econômica: “Na

conquista militar do passado era necessário se livrar da liderança de um país europeu. Hoje isso acontece através da pressão econômica. Com a ajuda da França, uma aliada, os alemães causaram mudanças de regime em dois dos países mais problemáticos da zona do euro”—Grécia e Itália (9 de novembro de 2011).

O papel de liderança da Alemanha dentro da zona do euro

Vindo do Reino Unido, comentários como os citados acima podem parecer estranhos, pois o país não é membro da zona euro e provavelmente nunca será. O primeiro-ministro britânico, David Cameron, deixou claro que seu país não vai participar do apoio financeiro ao euro e não vai fazer parte da proposta de união fiscal da zona do euro e de outros membros da União Europeia.

A Alemanha não pode se esquivar da responsabilidade já que o Reino Unido não está disposto a apoiar uma solução para a crise do euro. A chanceler alemã, Angela Merkel, tem dito, inúmeras vezes, que o colapso da moeda comum significaria também o fim da “experiência europeia”, como ela chama. A Alemanha tem se comprometido com a visão de uma Europa unificada desde o início e a participação da Alemanha na preservação do euro é consistente com essa visão. O permanente “Mecanismo Europeu de Estabilidade”, que entra em vigor em primeiro de julho de 2012, será um fundo de quinhentos bilhões de euros e a contribuição da Alemanha para o fundo foi de cento e noventa bilhões de euros.

Apesar de a Alemanha estar empenhada em preservar o euro, David Cameron criticou a Alemanha, em janeiro, na

reunião do Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça. Cameron disse que a Alemanha tem que fazer muito mais para ajudar a encontrar uma solução duradoura para a crise atual da zona do euro. Na visão de Cameron, a Alemanha precisa fazer mais para estimular sua própria economia, que por sua vez, providencia um impulso econômico para outros membros da zona euro, com mais dos produtos destas nações sendo exportados para a Alemanha.

Os comentários críticos da imprensa britânica e do primeiro-ministro são na verdade uma reflexão sobre o papel fundamental que a Alemanha assumiu na zona do euro. Com sua economia sendo, de longe, a maior entre os membros da zona do euro, desde o início o papel atual da Alemanha era previsível.

No entanto, Berlim não procurou seu papel de líder na união monetária. Pelo contrário, os parceiros europeus da Alemanha—especialmente a França—queriam que ela participasse da zona do euro. Para a França, a participação alemã na união monetária (do euro) significava o fim do domínio da moeda alemã entre as moedas europeias e uma maior integração da Alemanha na Europa.

No vigésimo aniversário da unificação alemã, a revista *Der Spiegel* publicou algo sobre um suposto acordo de cavalheiros entre o presidente francês François Mitterrand e o chanceler alemão Helmut Kohl na época do processo “dois mais quatro”, onde formalmente terminou a Segunda Guerra Mundial e o caminho para a unificação alemã foi pavimentado. O artigo da revista mostra Mitterrand tendo uma posição clara quando começaram as negociações: “Os alemães estão enfrentando uma escolha importante. A Alemanha só pode esperar uma reunificação se estiver em uma comunidade forte”.

Segundo o ex-conselheiro de Mitterrand, Hubert Védrine, “Mitterrand não queria a reunificação [da Alemanha], sem nenhum progresso na integração europeia. E a única base que se tinha preparado para isso era a moeda [comum]”. O ex-presidente do Bundesbank, banco central alemão, Karl-Otto Pöhl acrescenta: “A união monetária europeia nunca poderia ter acontecido sem a unificação alemã” (*Der Spiegel*, 39/2000).

Com a Alemanha sendo cada vez mais integrada à Europa através da união monetária, a preocupação de Mitterrand com o seu vizinho—que em breve seria muito maior como resultado da unificação

alemã—desapareceu. O papel da Alemanha na persistente crise do euro não é o resultado de qualquer desejo dos líderes alemães para a Alemanha se estabelecer como uma potência mundial. Em vez disso, é o resultado natural da integração da Alemanha na zona euro, que é o que os vizinhos da Alemanha queriam desde o início.

A origem da atual parceria franco-alemã

Antes de cada reunião de cúpula por causa da recente crise do euro, Angela Merkel e o presidente francês Nicolas Sarkozy se reúnem para coordenar suas posições na cúpula. A posição conjunta, em seguida, tem se tornado um item da agenda desta reunião. Visto que a França insistiu na Alemanha ser membro da união monetária, alcançar uma posição franco-alemã comum para as reuniões de cúpula do euro, é consistente com a desejada integração que a França sempre quis para a Alemanha desde o início.

Berlim e Paris, atualmente trabalhando em conjunto, seguem um padrão de cooperação estabelecido entre a França e a Alemanha a mais de sessenta anos para promover a união europeia. Ao se envolver no “projeto europeu” após a Segunda Guerra Mundial, os dois países estavam determinados a eliminar os problemas de concorrência e hostilidade que resultaram em estados nacionais fortes competindo pelo domínio na Europa.

A força motriz do lado francês foi ministro das Relações Exteriores Robert Schuman, que buscou a reconciliação com o velho inimigo da França e sua integração na colcha de retalhos europeia. Em retrospecto, Schuman parece ter sido predestinado a este papel. Quando a Alemanha anexou a Alsácia-Lorena em 1871, após derrotar a França no campo de batalha, seu pai tornou-se cidadão alemão. Assim Schuman nasceu como um cidadão alemão em 1886. Ele obteve seu diploma de Direito na Alemanha e, em seguida, exerceu a advocacia em Metz, enquanto estava no quadro de reserva do exército alemão. Quando a Alsácia-Lorena voltou à soberania francesa em 1919, ele tornou-se cidadão francês pela primeira vez, mas não tinha nenhum resquício de ódio contra a Alemanha.

Cinco anos depois que as forças armadas da Alemanha se renderam aos aliados, Schuman—agora ministro das Relações Exteriores da França—propôs a criação de

uma união europeia quanto ao carvão e o aço, isso foi o primeiro passo em direção a uma Europa unida no pós-guerra. A declaração de Schuman em 9 de maio de 1950 dizia:

“A [união da] Europa não pode ser criada com um único golpe, nem por meio de uma combinação simples. Ela surgirá através de medidas concretas que criem primeiro uma unidade de ação . . . Com este intuito, o governo francês propõe uma ação pontual limitada, mas decisiva . . . combinando a produção de carvão e de aço, cria-se uma base comum que assegure o desenvolvimento econômico e seja o primeiro passo rumo a uma federação europeia”.

A proposta de Schuman causou comoção. “O anúncio do plano Schuman foi uma mensagem de boas-vindas para a geração que sofreu com a Segunda Guerra Mundial e agora tinha esperança de que outra guerra entre irmãos europeus não ocorreria—não tão cedo. Tal como referido na declaração de Schuman, a junção da indústria pesada—que também foi uma indústria de armamentos—tornaria uma guerra entre a França e a Alemanha materialmente impossível. Assim, uma sepultura foi cavada para a inimizade secular entre os dois países vizinhos e na sua lápide um fundamento foi estabelecido para unificação da Europa” (Franz Herre, *Um wie Adenauer*, Stuttgart, Deutsche Verlags-Anstalt, 1997, páginas 67-68).

Treze anos depois de fazer sua proposta Schuman descreveu seu enfoque: “Não se pode presumir imediatamente ao apresentar uma proposta econômica europeia e executa-la em todos os níveis. Devido às complicações técnicas e a preparação mental insuficiente ela teve que ser implantada por etapas” (Schuman, *Für Europa*, Hamburgo, Nagel, 1963).

Schuman não fez nenhuma tentativa para disfarçar o seu objetivo de integrar o Estado nacional alemão, em uma parceria internacional europeia, impedindo assim que a Alemanha persiga planos hostis aos seus vizinhos. Apenas cinco meses antes de fazer sua proposta de união do carvão e aço, Schuman abordou este tema em um discurso proferido em Bruxelas:

“O resultado da adesão da Alemanha numa [proposta] organização europeia—subjugando este país às necessidades de toda a comunidade—será a sua reabilitação e uma garantia para nós . . . Ele disponibiliza o potencial alemão para o intelecto e trabalho a serviço da Europa e Alemanha

se beneficia do potencial intelectual e material fornecido pela Europa em uma comunidade . . . a Alemanha é mais perigosa quando deixada por conta própria em seu estado terrível e destrutivo de inquietação” (18 de dezembro de 1949; ênfase adicionada).

A integração da Alemanha na União Europeia de hoje não é o resultado do seu desejo de alcançar um império europeu. Em vez disso, é apenas o lugar onde seus vizinhos—principalmente a França—queriam que ela estivesse.

As raízes históricas da atual Europa

O parceiro de Schuman na integração da Alemanha dentro de um quadro europeu foi o chanceler alemão Konrad Adenauer. Ambos eram democratas cristãos. “Ambos políticos amigos e opositores se referem a eles como carolíngios porque procuraram criar uma nova Europa [após a Segunda Guerra Mundial] com o espírito cristão, inicialmente no território do antigo império carolíngio” (*Um wie Adenauer*, página 66, grifo do autor).

O reino carolíngio de Carlos Magno tinha a visão futurística de uma Europa unida após a guerra. Afinal, seu reino havia unido os ancestrais dos franceses e alemães, que tinham descendentes em guerra uns contra os outros, por três vezes nas sete décadas anteriores a 1945.

“Foi na corte de Carlos Magno que o antigo termo ‘Europa’ foi ressuscitado”. Assim escreveu o historiador britânico Norman Davies em seu livro *História da Europa* 1996 (página 302). “Os carolíngios [a família nobre dos francos, de onde provém o nome França, governou a Europa Ocidental após a queda do Império Romano do Ocidente] precisavam de um título para descrever essa parte do mundo que dominava, como distinção das terras pagãs, de Bizâncio [o Império Romano do Oriente, que ainda continuou como um estado cristão], ou da cristandade como um todo. Esta ‘primeira Europa’, portanto, era um conceito efêmero ocidental, que não durou mais do que o próprio Carlos” (ibidem).

Carlos Magno não foi o primeiro governante ou o último a buscar a união da Europa. Após a queda do Império Romano no século V, havia uma contínua necessidade de unidade. O caos e a confusão, muitas vezes referida como “Idade das Trevas”, seguidos do desaparecimento do império, com tribos guerreiras bárbaras

se deslocando para áreas anteriormente civilizadas.

No século VI, o imperador bizantino Justiniano, que governava de Constantinopla (atual Istambul, Turquia), tentou reviver o Império Romano do Ocidente. Ele foi parcialmente bem sucedido, mas seu sonho não sobreviveu a ele.

No século VIII, os árabes muçulmanos invadiram a Espanha e rapidamente se moveram rumo ao norte, chegando perto de Paris apenas vinte e um anos depois. Aí, na famosa Batalha de Tours, em 732 (também conhecida como a Batalha de Poitiers, o lugar perto de Tours que foi onde realmente lutaram), os muçulmanos foram derrotados pelo avô de Carlos Magno, Charles Martel. A cristandade ocidental da igreja romana foi ameaçada. Não é à toa que Carlos Magno foi coroado pelo papa, que viu a necessidade de um imperador ocidental, assim como houve um imperador no leste.

O historiador John Bowle relata que “o evento foi crucial na história da Europa, para o Império Ocidental revivido que continuaria ‘santo’ nessa era medieval, bem como romano, e, em teoria, dominaria a política europeia até os dias do [Imperador] Carlos V, no século XVI, então . . . continuaria até . . . 1806, quando Napoleão o aboliu” (*A História da Europa*, 1979, página 170).

É evidente que havia um ponto comum na história da Europa—o desejo de uma Europa unida na tradição dos romanos. Na verdade, a questão vai ainda mais longe do que isso. O desejo era de uma Europa unida em comunhão com a Igreja de Roma, assim como era no Império Romano.

A perspectiva bíblica sobre o futuro da Europa

Os eventos na Europa estão seguindo um padrão histórico — uma tentativa de unir espanhóis e italianos, alemães e eslavos, franceses e escandinavos em um império.

O profeta Daniel recebeu inspiração divina para revelar o significado de um sonho profético. Em Daniel 2, o profeta fala de quatro sucessivos impérios, incluindo um que será governando no momento da vinda do Messias para estabelecer o Reino de Deus na terra. Comparando a história com outras profecias, vemos que estes quatro reinos foram, em ordem, a Babilônia, o Medo-Persa, o Greco-macedônio e os Impérios Romanos.

Falando do quarto e último reino, Daniel disse que ele seria “forte como ferro; pois,

como o ferro esmiúça e quebra tudo, como o ferro quebra todas as coisas” (versículo 40). O Império Romano, na verdade, provou ser mais dominador do que os três anteriores, engolindo seus remanescentes em um reinado que durou séculos.

Daniel também revelou detalhes proféticos fascinantes deste último reino. Ele disse que as pernas e os pés da imagem do sonho de Nabucodonosor representavam um reino, que mais tarde mostrou ser o Império Romano. A imagem tinha pés e os dedos compostos “em parte de barro de oleiro e em parte de ferro” (versículo 41). Isto indicava que “será um reino dividido” e “parte forte e parte frágil” (versículos 41-42). Além disso, “assim como o ferro se não mistura com o barro”, os componentes deste reino não permaneceriam firmemente seguros juntos por muito tempo (versículo 43).

Em seguida, descrevendo o retorno de Jesus Cristo e a derrocada de todos os reinos e governos humanos, Daniel diz que “nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído . . . esmiúçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre” (versículo 44).

Especificamente, “esses reis” aqui são um grupo de dez líderes reunidos em uma liga ou aliança no fim dos tempos. A profecia de Daniel indica que, por causa de diferentes culturas e línguas, essa derradeira superpotência não será um grupo de Estados fortemente integrado, como os Estados Unidos, mas entidades divergentes unidas por um propósito comum. Alguns, sem dúvida, serão muito mais forte do que outros.

O último livro da Bíblia, o livro do Apocalipse, revela os detalhes adicionais sobre esta aliança do fim dos tempos. O capítulo 17 fornece uma descrição simbólica de um sistema político-religioso que corresponde à parte de ferro da imagem de Nabucodonosor em Daniel 2.

Os versículos 1-3 descrevem uma “grande prostituta”, simbolismo bíblico para uma religião falsa. (Em contraste, a verdadeira igreja de Deus é sempre descrita como uma virgem). A prostituta senta-se em uma “besta de cor escarlate” versículo 3, retratando a cooperação entre a Igreja e o Estado. A política e religião têm sido inseparáveis em quase 1.700 anos de história europeia após a conversão do imperador Constantino ao catolicismo romano nos primeiros anos do século IV.

Quando o apóstolo João viu este futuro

sistema político-religioso, representado por uma mulher caída montando uma besta, ele maravilhou-se “com grande admiração” (versículo 6). Um anjo então lhe explicou que “a besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo”. Outras pessoas “se admirarão vendo a besta que era e já não é, mas que virá” (versículo 8).

Qual é o significado de tão estranha frase? O fato de que esta besta “foi e já não é, mas que virá” nos diz que o Império Romano, que hoje não existe, será restaurado. Ele “foi”, o que significa que já existiu uma vez, ele “não é”, o que significa que não existia na época em que João recebeu sua visão, e que “virá” e “há de subir do abismo”, o que significa que surgirá novamente.

Os versículos 12-13 nos dizem mais sobre esta união político-religiosa de “dez reis [líderes] que ainda não receberam o reino, mas receberão o poder como reis por uma hora [um curto espaço de tempo], juntamente com a besta. Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta”. Os “dez reis” que transferem a sua autoridade por “uma hora” para a besta são os da restauração do versículo 8, que a farão “subir do abismo”.

Quando isto acontecerá? O versículo 14 nos mostra claramente o cenário do tempo desta profecia e estabelece a conexão entre os “dez reis” e os dez dedos do reino de ferro de Daniel 2: “Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá”. Os dez reis vão lutar contra Jesus Cristo. O curto período do seu reinado é abreviado pela volta de Jesus (Apocalipse 11:15).

O Cordeiro não é outro senão Jesus Cristo. Ele ainda não voltou, de modo que o cumprimento desta profecia dos dez líderes ou governantes que fazem parte deste império do fim dos tempos ainda está no futuro. Mas está claro que no tempo do fim do governo do homem, haverá um Império Romano reavivado. Ele se oporá ao verdadeiro Jesus Cristo, e seus exércitos vão, literalmente, lutar contra Ele no Seu retorno! Jesus também representa a pedra, não feita por mãos humanas de Daniel 2, que vem de cima e atinge os pés da imagem.

Então Daniel 2, versículos 40-44, e Apocalipse 17, versículos 12-14, descrevem o mesmo evento: O retorno de Jesus Cristo estabelece uma nova ordem mundial e acaba com a existência da última ressurreição do Império Romano, que é formada pela união de dez reis. Pode parecer difícil de acreditar, mas esta profecia descreve o futuro da Europa!

Vista desta perspectiva, as raízes da União Europeia são interessantes. A edição da revista *Newsweek* de 29 de janeiro de 1996, divulgou: “Em janeiro de 1957, seis países assinaram um tratado no local do antigo Capitólio Romano, e se tornaram a Comunidade Econômica Europeia . . . Um assessor de Paul-Henri Spaak, na época ministro do exterior belga, lembra que seu chefe disse: ‘Você não acha que lançamos a primeira pedra de um novo Império Romano?’ Recorda o assessor, ‘Nós nos sentimos intensamente romanos naquele dia’”.

Alemanha: O motor da Europa

A alegação de que a Alemanha está perseguindo um sonho antigo de estabelecer um império é ridícula. Por outro lado, a Alemanha de hoje, comprometida com o sucesso da “experiência europeia” e solidamente entrincheirada em seu lugar (como desejado por seus vizinhos), não hesita em expressar a sua opinião sobre os assuntos europeus.

Charles Kupchan, professor da Universidade de Georgetown e autor do livro *O Fim da Era Norte-Americana: A Política Externa dos Estados Unidos e a Geopolítica do Século XXI*, descreve a atitude moderna da Alemanha: “Como parte de sua política de confiança e reconciliação do pós-guerra, Bonn por décadas tem agido com diplomacia e na defensiva. Desde 1999, entretanto, quando a sede do governo voltou a Berlim, simbolizando a renovação de uma autoconfiança, a Alemanha tem estado ativamente guiando a evolução da União Europeia, traçando um caminho para a construção de uma Europa Federativa”.

No âmbito da União Europeia, a Alemanha é o maior parceiro comercial de cada um dos países membros. Uma economia europeia forte sem uma economia alemã forte não é possível. Apesar de que alguns europeus possam se sentir desconfortáveis com uma Alemanha unificada forte—como evidenciado nas citações no início deste artigo—a criação de uma união política e econômica europeia, sem a participação alemã é impensável.

Os europeus também compreendem isso. A quem pedir ajuda para resolver a crise da dívida soberana da zona do euro? Em quem vão confiar para resolver situações semelhantes no futuro? *Nos alemães*. Para uma melhor compreensão da profecia bíblica, eu recomendo o livro *Você Pode Entender a Profecia Bíblica*, disponível gratuitamente mediante pedido. **BN**

Por trás das Notícias (cont. da pág. 13) desta liderança está ligada com a expectativa da volta do décimo segundo imã do islamismo xiita, que está destinado a liderar a fé muçulmana. Cerca de 85% dos muçulmanos Xiitas são crentes do *Décimo Segundo*. Eles esperam o iminente retorno do Décimo Segundo Imã do islamismo xiita, que desapareceu no século nono. *Muitos acreditam que devem provocar problemas no mundo para apressar seu retorno*. Os países ocidentais não estão lidando com um poder racional quando lidam com a atual liderança iraniana.

É interessante notar que os Xiitas do Décimo Segundo estão esperando a volta do décimo segundo imã, o Mahdi ou “Guiado”, uma figura messiânica, ao mesmo tempo em que os cristãos conservadores estão esperando a segunda vinda do Messias, Jesus Cristo. Os Xiitas do Décimo Segundo acreditam que o Mahdi vai trabalhar com Jesus—a quem eles consideram ser um muçulmano que vai forçar os cristãos a se converter ao islamismo—para estabelecer uma sociedade universal justa e perfeita.

Isto tem que estar claro para todos: o Irã é uma nação determinada a um caminho intransigente e não pode ser tratado da mesma maneira que outras nações. Pode ser que Irã ataque ou não a Israel, ou a costa leste dos Estados Unidos, ou simplesmente continue sendo oportunista e criando problemas. Mas de qualquer maneira, é bem provável que haja um aumento na tensão, e é possível que Israel ou os Estados Unidos iniciem uma ação militar, em um tempo cada vez mais curto, antes que o Irã adquira capacidade nuclear.

Seja qual for o caso, o regime teocrático do Irã poderia transformar mais uma vez em um fator poderoso na eleição presidencial deste ano nos Estados Unidos.

Saiba mais

Por que o Oriente Médio domina tanto as manchetes? A região não é apenas berço das três grandes religiões, mas também um lar de hostilidades e ódios antigos, e a fonte da força vital da economia mundial—o petróleo. Como todos esses fatores entrarão em jogo no tempo do fim? Você precisa saber! Solicite ou baixe, hoje mesmo, sua cópia gratuita do livro *O Oriente Médio na Profecia Bíblica!*
BN



Enxergando Através dos Olhos de Deus

O encontro de Jesus Cristo com um homem cego traz lições importantes para nós, do que significa aceitar o Seu convite de “Segue-Me”. *por Robin Webber*

Era o fim do festival de outono, em Jerusalém, em um dia de sábado especial, com as ruas normalmente cheias de clamor e comoção. Havia um homem ali, cego de nascença, que era capaz de ouvir os sons relaxantes do Sábado de uma forma que ninguém podia. Sua audição era naturalmente aguda para compensar a falta da visão.

Enquanto ouvia, ele agora podia escutar um grupo de pessoas que vem em sua direção—discípulos acompanhando seu mestre, pelas palavras que soavam. Mal sabia ele que sua vida estava prestes a mudar para sempre.

Mas que as obras de Deus devem ser realizadas

A Escritura nos diz o que aconteceu depois em João 9:1: “E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença”. Tinha chegado o momento para uma lição especial e extraordinária.

Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: “Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” A suposição comum da época era de que aquela deficiência era uma maldição por causa do pecado.

Jesus respondeu: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus”. Sim, Jesus sabia exatamente o que ia fazer a este homem para glorificar a Deus.

Neste ponto, Jesus inclinou-se e cuspiu no chão e fez um pouco de lodo com sua saliva, depois o passou sobre os olhos do homem. Então, Ele disse ao homem cego para ir ao tanque de Siloé, ao sul do templo, para se lavar. Muitas vezes, quando Cristo começa a trabalhar com as pessoas, Ele lhes dá uma missão—algo que possam fazer depois de Ele realizar o que só Ele pode fazer. E nós vemos isso

aqui. O homem obedeceu, lavou-se e, milagrosamente, voltou enxergando.

Como isso foi possível?

Foi difícil para os vizinhos, desse homem, entenderem sua repentina mudança de vida quando ele voltou para casa. “É este o mentigo?” perguntaram. Uns pensaram que era ele. E outros disseram, “Parece-se com ele.” Ele disse: “Sou eu!”

Naturalmente, eles perguntaram: “Como se te abriram os olhos?” O homem explicou: “O homem chamado Jesus fez lodo, e untou-me os olhos, e disse-me: Vai ao tanque de Siloé e lava-te. Então, fui, e lavei-me, e vi” (versículo 11). O homem, agora enxergando, sabia que *um homem* maravilhoso tinha feito algo admirável em sua vida e deu-lhe todo o crédito.

Mas este foi apenas o começo de uma história que afetaria poderosamente a vida do homem que era cego.

Os vizinhos espantados levaram o homem para compartilhar sua história com os fariseus, os mestres religiosos que dirigiam as sinagogas. Mas a reação destas autoridades, sem dúvida, chocou o homem. Eles desdenharam a cura milagrosa, ironizando que esta não poderia ser de Deus, porque foi realizada em um dia de Sábado.

Naquela época, os códigos religiosos, feitos por homens, impediam de cuidar de uma pessoa no Sábado, exceto tornando-os confortáveis em sua situação. Ao misturar saliva com barro, Jesus tinha, conscientemente, puxado o fio da meada dos prós e contras sobre fazer o bem no Sábado. Mesmo assim, o homem, agora curado, simplesmente repetia a sua história: “Ele pôs barro nos meus olhos, me lavei e passei a enxergar”.

As autoridades o pressionam,

perguntando: “Tu que dizes daquele que te abriu os olhos?” O homem respondeu com uma resposta óbvia, mas que os outros não conseguiam enxergar: “*Ele é um profeta*”.

As autoridades descrentes, em seguida, arrastaram os pais do homem para este drama, exigindo que explicassem como o seu filho podia enxergar agora. Os pais, percebendo que uma resposta errada podia trazer imediatamente graves consequências, cuidadosamente desviaram-se da pergunta, dizendo: “[Ele] tem idade; perguntai-lhe a ele mesmo, e ele falará por si mesmo”.

“Havendo eu sido cego, agora vejo”

As autoridades religiosas continuaram o interrogatório, o homem, agora sem o apoio dos pais e do vizinho, finalizou sua história. Então, eles, desdenhosamente, descreveram a Jesus como um pecador separado de Deus. O ex-cego respondeu: “Se é pecador, não sei; uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo”.

Eles continuaram intimidando e menosprezando o homem, mas ele se recusou a recuar. Sua declaração final proclamou: “Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer”. Então, Seus perseguidores religiosos vociferaram: “Tu és nascido todo em pecados e nos ensinas a nós?”.

E João 9:34 nos diz: “E expulsaram-no”. Eles o deixaram onde achavam que o haviam encontrado, antes de Jesus tocar seus olhos. Em sua forma distorcida de superioridade religiosa, eles criam que um homem nascido em pecado era incapaz de se libertar. E, agora aqueles que pensam estar fazendo um favor a Deus, “expulsaram-no” da sinagoga, o lugar de culto da comunidade (comparar versículo 22). Era mais fácil rotular o homem de

pecador e mentiroso do que aceitar a inconveniente verdade.

É aqui que a história de um homem, e de todo homem, se apresenta na medida plena e completa. Quando os outros não conseguiram ficar ao lado dele—seja a família, os vizinhos ou a religiosa comunidade—então, aqui nós vemos a realização da obra mais profunda de Jesus Cristo.

Lembre-se, Cristo saiu de cena muito antes. Agora, João registra que “Jesus ficou sabendo que tinham expulsado o homem da sinagoga. Foi procurá-lo e, quando o encontrou . . .” (João 9:35, BLH). Aqui mais uma vez é revelado um Deus que, literalmente, *nos busca*. Ele não apenas viu o cego no início da história, mas também

lidar com cada um de nós, como fez com o cego.

Deus não se importa com o que o resto do mundo pensa de nós, mas nos lembra do que Cristo fez na Gólgota por cada um de nós que Ele está chamando hoje (João 6:44). A verdade é que todos nós, às vezes, enfrentamos questões que parecem nos desesperançar e amaldiçoar. E, no entanto, Deus diz através de Cristo que Ele pode resolver nossa atual situação—seja ela física, emocional ou espiritual, e, como o cego da nossa história, usá-la para trazer-Lhe glória e honra.

Em segundo lugar, lembre-se que *cada um de nós* tem uma história—a história de como Deus tem operado em nossas vidas. Pode não ser tão dramática quanto à história

novamente, quem é que seguimos.

Em terceiro lugar, vamos lembrar que Jesus “viu um homem que era cego”. Isso nos lembra de que Deus Pai e Cristo entrarão e continuarão trabalhando em nossas vidas, a seu modo e em seu devido tempo—muitas vezes, quando menos esperamos.

Quando Ele intervier, então Ele, às vezes, pode fazer coisas que não necessariamente entendemos—como usar a saliva e lodo e, em seguida, *dizer para ir onde Ele nos diz para ir e fazer o que Ele nos diz para fazer*. Há um tanque de Siloé figurativo esperando cada um de nós lá fora. Quando Deus falar conosco, através da Sua Palavra, *devemos obedecer!* E deixar as consequências com Deus.

O homem, agora enxergando, sabia que um homem maravilhoso tinha feito algo admirável em sua vida e deu-lhe todo o crédito. Mas este foi apenas o começo de uma história que afetaria poderosamente a vida do homem que era cego.

o *procurou* e cuidou de suas necessidades. Quando o homem foi expulso do lugar de adoração ao Senhor, o próprio Senhor veio em seu socorro!

Verdades simples e passos práticos

Mas agora Jesus faz uma pergunta. É a mesma questão que cada um de nós terá de enfrentar: “Crês tu no Filho de Deus?” O homem respondeu: “Quem é Ele, Senhor, para que nEle creia?”

Jesus respondeu: “Tu já O tens visto, e é Aquele que fala contigo”.

O homem exclamou: “*Creio, Senhor.*” E *adorou a Jesus* (versículos 36-39). Admirável!

Esta história mostra o caminho maravilhoso e realista de como responder ao convite de Cristo para “*seguir-Lo*”. Este pedido e requisito divinos não são nem etéreo nem místico, mas sim verdades simples e passos práticos, como revelado neste exemplo.

À medida que avançamos em nossa peregrinação pessoal, vamos lembrando que Deus Pai e Jesus nos viu primeiro, mesmo estando em nossa cega situação espiritual, e escolheram especificamente

do cego ou ser atingido de cegueira, como Paulo na estrada de Damasco, mas temos uma história. Nós não precisamos enfeitá-la—simplesmente nos lembrar dela e nos agarrar a ela a todo custo.

O cego por três específicas vezes foi desafiado quanto a sua história, mas sempre voltava aos mesmos fatos simples. Nunca negando a chegada de Deus em sua escuridão pessoal, como ele disse que estava.

Ao se segurar com firmeza ao que conhecemos, então esteja preparado para crescer no conhecimento de quem é que seguimos. João 9 não é apenas sobre uma cura. Ele explora o que significa a experiência de Deus em novos níveis. O homem curado começou chamando a Jesus de “*um homem*” no versículo 11. Quando pressionado, ele subiu para um novo nível e O chamou de “*um profeta*”, no versículo 17. Já no versículo 38, ele está proclamando e “*adorando a Jesus como Senhor*”.

A intervenção de Deus em nossas vidas e em nossa correspondente conversão não é simplesmente um evento. Ela inclui uma crescente sensibilização e valorização de quem entrou em nossas vidas—ou,

Prepare-se para responder a uma pergunta simples

Em quarto e último lugar, temos que entender que seguir a Deus em nossos dias pode ser uma jornada solitária. Quando Deus começa a nos guiar pelo Espírito (Romanos 8:14) nem todo mundo vai ficar feliz. Outras pessoas não ficarão. Mas lembre-se: O Bom Pastor sabe onde está cada membro do rebanho!

Nós adoramos um Deus desconhecido em todas as outras religiões—o verdadeiro Pastor que ama Seu rebanho, e realmente nos procura para o nosso bem. Vamos abraçar e crescer na realidade de que o Espírito de Deus nunca nos levará onde a graça de Deus não possa nos manter e defender.

À medida que nos esforçamos para continuar na jornada antes prevista para nós, por Aquele a quem seguimos, é necessário que estejamos preparados para uma realidade espiritual básica: Nós vamos ser contestados continuamente, inúmeras vezes, e de várias formas, ao longo de nossas vidas com a mesma pergunta simples que Jesus fez ao homem que tinha curado: “Você acredita no Filho de Deus?”

Nossa resposta será evidente pelas nossas atitudes, quando confrontados, pessoa por pessoa e obra por obra.

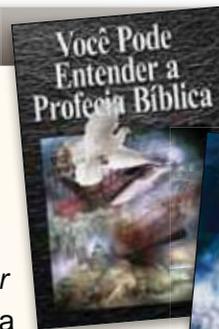
Há quase cem anos, Helen Keller, uma notável surda e cega autora, proferiu uma verdade simples, quando perguntou: “Qual seria a maior calamidade na vida de uma pessoa?” Ela respondeu: “*Ter olhos e não enxergar.*” A história do cego, em João 9, nos dá olhos para enxergar o que Deus enxerga, à medida que continuamos a busca de responder ao convite de Jesus, que diz: “*Segue-Me*”. **BN**

Para Saber mais...

O que a profecia bíblica revela acerca do tempo do fim e dos acontecimentos que nos trazem a esse tempo? Pode vir a saber?

Você necessita ler 'Estamos Vivendo no Tempo do Fim?' e 'Você Pode Entender a Profecia Bíblica'. Uma cópia gratuita destes guias de estudo bíblico estão à sua espera—faça um download (baixe-os) ou peça a sua cópia hoje!

www.revistaboanova.org



Todos nós estamos interessados no que o futuro nos guarda. Existe alguma maneira de saber o que está por vir? Onde devemos procurar as respostas? Como é que os eventos futuros afetarão as nossas famílias e os nossos entes queridos?

Ataques de terroristas que chocam o mundo inteiro fazem-nos entender o facto que, o que acontece no Oriente Médio, afeta a todos nós, seja onde for que vivemos. Você precisa entender o que está profetizado para acontecer ainda no Oriente Médio. Se você reconhece ou não, se você compreende ou não, os eventos afetarão a vida de todas as pessoas na terra.

Os esforços humanos em prever o futuro são particularmente imprecisos. Muitos videntes e profetas têm estado errados frequentemente. Mas há uma maneira certa de saber o que o futuro. O futuro está escrito com antecedência

nas páginas da Bíblia!

O livro de Apocalipse, é para muitas pessoas um livro muito confuso. Achar os seus símbolos e imagens estranhas misteriosas. Mas é um livro para nos revelar “coisas que brevemente devem acontecer”.

Nós preparámos dois livros excitantes que lhe abrirão os olhos—*O Livro de Apocalipse Revelado* e *O Oriente Médio na Profecia Bíblica*—e que lhe ajudarão a entender o que vai acontecer nos próximos dias.

Para obter mais informações, por favor, baixe ou solicite suas cópias gratuitas de “*O Livro de Apocalipse Revelado*” e “*O Oriente Médio na Profecia Bíblica*” do nosso site www.revistaboanova.org.

Visite o nosso site: www.revistaboanova.org